

## Rede construcional dos adjetivos formados por *-vel* no português

### Constructional network of adjectives formed by *-vel* in Portuguese

Manuella Soares Jovem\*  
manuellasj@yahoo.com.br  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

José Romerito Silva\*\*  
jromeritosilva@hotmail.com  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

**RESUMO:** Este estudo tem como foco central adjetivos formados pelo sufixo *-vel* no português brasileiro, tomando-os como uma construção, ou seja, o pareamento de forma e função (GOLDBERG, 1995; 2003; 2006). O objetivo principal aqui é descrever a construção  $[X-vel]_{\text{Adjetivo}}$  no que diz respeito às suas propriedades *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Como aporte teórico, recorremos à Gramática de Construções, para a qual as línguas são constituídas por uma rede de construções hierarquizadas e inter-relacionadas. Os dados utilizados para a análise foram coletados do *Corpus Discurso e Gramática* (FURTADO DA CUNHA, 1998), composto de textos orais e escritos, além de textos que se configuram como notícias, textos publicitários, artigos científicos e textos de *blogs*, disponíveis no ambiente eletrônico. Através da análise construcional empreendida, constata-se a presença de bases derivacionais verbais e nominais na formação dos adjetivos em *-vel*, o que contribui para a expansão da classe hospedeira (HIMMELMANN, 2004).

**PALAVRAS-CHAVE:** Construção  $[X-vel]_{\text{Adjetivo}}$ . Morfologia. Gramática de Construções.

**ABSTRACT:** Adjectives formed by the suffix *-vel* in Brazilian Portuguese are the focus of this study, which considers them a construction, i.e., form-meaning pairing (GOLDBERG, 1995, 2003, 2006). Our main objective is to describe the  $[X-vel]_{\text{Adjective}}$  construction with regard to *schematicity*, *productivity*, and *compositionality* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Construction Grammar is our theoretical framework, based on which languages consist of a hierarchal and interrelated construction network. The data used for analysis were collected from *Corpus Discurso e Gramática* (FURTADO DA CUNHA, 1998), which is composed of both oral and written texts as well as texts such as news, advertisements, scientific papers and blogs, available on the internet. Through constructional analysis, we observed the presence of derivational verbal and nominal bases in the formation of adjectives with the suffix *-vel*, which contributes to the expansion of the host-class (HIMMELMANN, 2004).

**KEYWORDS:**  $[X-vel]_{\text{Adjective}}$  Construction. Morphology. Construction Grammar.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Bolsista da CAPES.

\*\* Doutor em Estudos da Linguagem e Professor da Escola de Ciência e Tecnologia (ECT/UFRN) e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

## Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo a construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub> no português brasileiro. Essa construção compõe-se de uma base lexical [X] acrescida do sufixo [-vel]. Apesar de já encontrarmos um número considerável de trabalhos na área da linguística acerca da classe dos adjetivos, nas mais diversas linhas teóricas, esta pesquisa, de maneira particular, aborda essa classe de adjetivos por meio da observação e da explicação de aspectos relacionados ao uso. Para tanto, esta dissertação apresenta um tratamento diferenciado dessa categoria de adjetivo, uma vez que a considera uma *construção* – pareamento de forma e função –, indo além de análises que a tomam apenas no polo da forma, a exemplo da gramática tradicional.

De maneira geral, essas abordagens tratam da formação desses adjetivos de maneira superficial, abordando-os em seu aspecto formal apenas. O foco está, sobretudo, no sentido estático do sufixo, transferido para a palavra como um todo. Conforme a agenda de interesse da gramática tradicional, os processos de formação de palavras estão pautados em um exame de caráter morfológico sem a preocupação com as relações sintático-semânticas na explicação do fenômeno linguístico.

O embasamento teórico da nossa pesquisa ancora-se na abordagem da Gramática de Construções, para a qual a língua constitui um “inventário de unidades simbólicas” (LANGACKER, 1987), interligadas diretamente a representações das experiências humanas. Como unidade básica da língua, a construção é concebida como um pareamento de forma e função (GOLDBERG, 1995; 2003). No campo da Gramática de Construções, tomamos como direcionamento de trabalho o que é proposto em Traugott e Trousdale (2013) com respeito às propriedades das construções, a saber, *esquematicidade*, *composicionalidade* e *produtividade*, além da noção de *rede construcional*, uma vez que nos interessa observar as relações de herança da construção formada pelos adjetivos em *-vel*. Além disso, importa-nos observarmos a expansão da classe hospedeira na formação da rede construcional de [X-vel]<sub>Adjetivo</sub>, fator relevante para o aumento da produtividade na língua portuguesa.

## 1 Fundamentação teórica

A Gramática de Construções nasceu no âmbito dos estudos linguísticos trazendo uma nova proposta de descrição linguística, em que a unidade central da gramática de uma língua passava a ser a construção gramatical (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995). Introduzida por Goldberg (1995), essa noção encontrou apoio na gramática cognitiva (LANGACKER, 1987), para a qual a gramática de uma língua se constitui de um “inventário de unidades simbólicas”, propondo que, independentemente dos itens que instanciam as construções, elas significam representações das experiências humanas.

Representando a unidade básica de uma língua, uma construção é definida por Goldberg (1995, p. 4) como “um pareamento de forma e significado”. Alguns padrões linguísticos são reconhecidos como uma construção quando algum aspecto de sua forma ou função não pode ser previsível a partir de suas partes componentes. Para a autora, uma construção pode representar desde morfemas até padrões discursivos mais gerais ou mais específicos (GOLDBERG, 2003), como as expressões idiomáticas, objeto de estudo inicial da perspectiva construcional (FILLMORE *et. al.*, 1988).

Ao tratar das construções, Traugott e Trousdale (2013) propõem uma análise acerca de três elementos imbricados nesse conceito: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*, os quais podem ser observados em maior ou menor grau nas construções e relacionam-se diretamente ao seu aspecto cognitivo de representação. Para os autores, a esquematicidade está relacionada à categorização e, por isso, envolve abstração. Elas “são abstrações em todo o conjunto de construções que são (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua a ser estreitamente relacionados entre si na rede construcional” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.14 [tradução nossa]<sup>1</sup>). Os esquemas linguísticos representam os padrões da experiência cognitivamente rotinizados (KEMMER, 2003).

O grau de esquematicidade de uma construção ampara-se no preenchimento de espaços esquematicamente abstratos. Um exemplo disso é a construção ditransitiva [S V OBJ<sub>1</sub> OBJ<sub>2</sub>], que contém espaços (*slots*) que podem ser preenchidos por palavras ou sintagmas. Há ainda a existência de uma hierarquia

---

<sup>1</sup> Texto-fonte: “They are abstractions across sets of constructions which are (unconsciously) perceived by language-users to be closely related to each other in the constructional network”.

esquemática: em um nível superior e com significado mais geral estão os *esquemas* (ou macroconstruções); em um nível intermediário e menos esquemático estão os *subesquemas* (ou mesoconstruções); apresentando um menor nível esquemático e maior especificidade estão as microconstruções; correspondendo às instâncias de uso em uma ocasião particular estão os construtos. Para Langacker (2008), “uma vez aprendido, um esquema serve como um modelo para lidar com novas expressões no mesmo padrão”<sup>2</sup> [tradução nossa].

O conceito de produtividade está relacionado, sobretudo, à gradiência dos padrões esquemáticos dos itens que instanciam as construções (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Uma construção poderá ser mais ou menos produtiva, a depender das formas sancionadas pelos esquemas e subesquemas, influenciando, da mesma forma, as microconstruções. Traugott e Trousdale (2013) afirmam que esse conceito diz respeito tanto à extensibilidade quanto à restrição, diretamente relacionadas ao sancionamento de elementos esquemáticos.

A produtividade de uma construção correlaciona-se à frequência de *type* e à frequência de *token* (BYBEE, 2010). A primeira diz respeito aos padrões sancionados pelos esquemas, ou seja, o número de expressões diferentes de um padrão em particular. A segunda se refere ao número de ocorrências de uma mesma unidade linguística no texto. Quanto mais um padrão esquemático ou um *construto* é repetido pelos usuários de determinada língua, maior rotinização e automatização destes.

À noção de produtividade (ou frequência de *type*) relaciona-se à de *expansão da classe hospedeira* (*host-class expansion*). Cunhado por Himmelmann (2004), o termo refere-se a um dos três tipos de expansão que resultam na gramaticalização de uma forma. Para o autor, essa expansão ocorre quando tal forma amplia sua gama de *collocates*, isto é, novas categorias entram na rede construcional para preencher os *slots*. Por exemplo, na rede dos adjetivos formados pelo sufixo *-vel*, aos verbos transitivos diretos que lhes servem de base lexical (*descartável*, *inquebrável*, *reprovável*), juntaram-se novos tipos de verbos (*incrível*, *durável*, *preferível*, *transferível*), além de substantivos, que também acessaram a rede como bases para a formação desses adjetivos (*saudável*, *miserável*, *viável*, *razoável*).

---

<sup>2</sup> Texto-fonte: “Once learned, a schema serves as a template for dealing with novel expressions on the same pattern”.

Quanto à composicionalidade, dizemos que uma construção é mais ou menos composicional com base no grau de transparência entre forma e significado (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Ainda que o significado não seja totalmente composicional, a língua permite, frequentemente, que este seja apreendido por meio dos elementos de uma sentença – as unidades menores. Pensando-se em termos sintáticos e semânticos, a sintaxe é composicional quanto à formação de sentenças bem formadas mais complexas recursivamente, com base em unidades menores, enquanto a semântica se relaciona com o significado de sentenças maiores com base no significado de itens mínimos, como as palavras e os morfemas (WERNING; HINZEN; MACHERY, 2012).

## 2 Análise dos dados

Com base no levantamento dos dados do *corpus* D&G, identificamos 43 *types* de adjetivos formados pelo sufixo *-vel*, distribuídos em 201 ocorrências (*tokens*)<sup>3</sup>. Na Tabela 1 que segue, detalhamos todos os adjetivos encontrados no corpus. Nela são considerados os tipos distintos de adjetivos e o número de ocorrências, separando-as pelas modalidades (fala e escrita) em que se encontram. Além disso, há referência às bases derivacionais de cada adjetivo identificado.

**Tabela 1:** Número de ocorrências relacionado à construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub>, considerando as modalidades fala e escrita e as bases derivacionais para a formação dos adjetivos em *-vel*

	ADJETIVOS	OCORRÊNCIAS	TEXTOS ORAIS	TEXTOS ESCRITOS	BASES DERIVACIONAIS	
					Verbal	Nominal
1	Possível	40	27	13	x	
2	Horrível	34	28	6		x
3	(Des)Agradável	19	9	10	x	
4	Incrível	17	12	5	x	
5	Impossível	11	9	2	x	
6	Terrível	11	11	-		x

<sup>3</sup> A frequência das ocorrências encontradas nos outros tipos de textos que compunham o nosso estudo (notícias, textos publicitários, artigos científicos e textos de *blogs*, disponíveis no ambiente eletrônico entre os meses de julho e setembro de 2016) não foi contabilizada, uma vez que a coleta desses dados se deu em decorrência da comprovação de exemplares de adjetivos de base intransitiva e ditransitiva. Adjetivos de bases verbais intransitivas e ditransitivas não foram encontrados no *Corpus* D&G.

7	Confortável	11	7	4		x
8	Desagradável	6	4	2	x	
9	Miserável	4	3	1		x
10	Sensível	4	4	-	x	
11	Saudável	3	1	2		x
12	Incompatível	3	1	2	x	
13	Indescritível	2	1	1	x	
14	Inesquecível	2	1	1	x	
15	Tratável	2	2	-	x	
16	Responsável	2	1	1	x	
17	Móvel	2	1	1	x	
18	Razoável	1	1	-		x
19	Insuportável	2	1	1	x	
20	Potável	2	1	1		x
21	Acessível	1	1	-		x
22	Disponível	1	-	1	x	
23	Inevitável	1	1	-	x	
24	Conversível	1	1	-	x	
25	Considerável	1	1	-	x	
26	Vulnerável	1	1	-	x	
27	Provável	1	1	-	x	
28	Compatível	1	1	-	x	
29	Indissolúvel	1	1	-	x	
30	Diluível	1	-	1	x	
31	Irreparável	1	-	1	x	
32	Imóvel	1	1	-	x	
33	Incurável	1	1	-	x	
34	Insustentável	1	-	1	x	
35	Viável	1	1	-		x
36	Preferível	1	1	-	x	
37	Aceitável	1	-	1	x	
38	Lamentável	1	-	1	x	
39	Imbatível	1	1	-	x	
40	Deplorável	1	1	-	x	
41	Irreconhecível	1	1	-	x	
42	Incontrolável	1	1	-	x	
43	Amigável	1	1	-		x
<b>T</b> (%)	<b>43</b> (100)	<b>201</b> (100)	<b>142</b> (70,64)	<b>59</b> (29,36)	<b>33</b> (76,74)	<b>10</b> (23,25)

Fonte: elaborada pelos autores

Como podemos observar na Tabela 1, encontramos 142 tipos de adjetivos em *-vel* nos textos orais, o que representa a maior parte dos dados (70, 64%), e 59 tipos nos textos escritos (29, 36%). Quanto às bases derivacionais, dos 43 tipos de adjetivos 33 destes correspondem a derivados de bases verbais, enquanto apenas 10 correspondem a derivados de bases nominais. Desse total, os adjetivos *possível*,

*horível, agradável, incrível, impossível, terrível e confortável* respondem pela maior parte das ocorrências no *corpus*.

## 2.1 Esquematicidade da construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub>

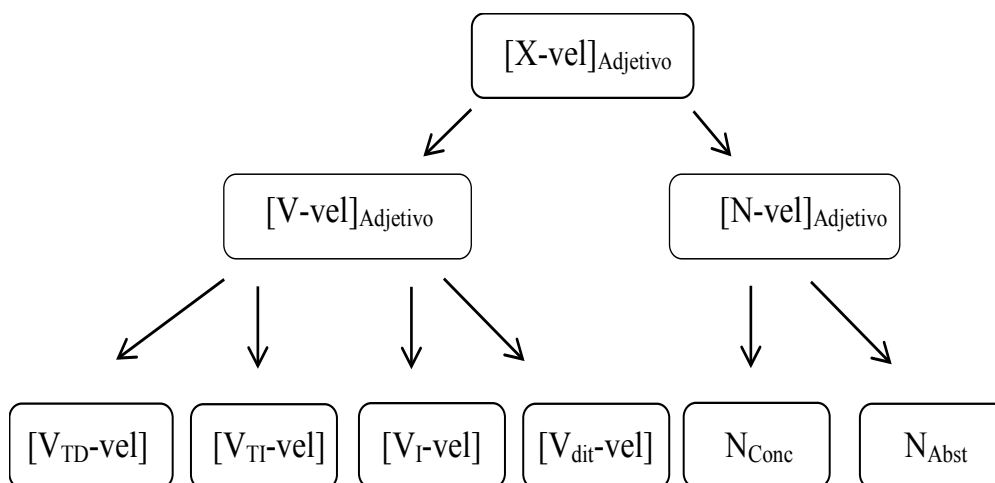
A construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub> instancia um esquema geral  $[[x]_x y_{suf}]_y$  (BOOIJ, 2010), o qual funciona para formar palavras na língua portuguesa que possuem um sufixo unido a uma base lexical. As palavras formadas a partir desse esquema mais geral pertencem a classes diversas, constituídas de sufixos diversos, como por exemplo, *tratável, atraente, trabalhador, pensativo, lavagem, entendimento, maravilhoso*.

Assumindo um nível de esquema menos geral do que o descrito acima, a construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub> representa um esquema superordenado na rede construcional proposta aqui. Apresenta-se como uma construção mais ou menos esquemática, uma vez que se compõe de um *slot* a ser preenchido por um tema (radical + vogal temática), compreendendo a base lexical, e outro já preenchido, correspondendo ao sufixo *-vel*, os quais constituem, prototipicamente, a categoria lexical *Adjetivo* como resultado dessa operação. Uma vez que o sufixo *-vel* pode formar adjetivos e, mais raramente, substantivos, o preenchimento desse espaço é determinante para apontar a formação de palavras nominais adjetivas a partir desse modelo/padrão. Com isso, verificamos uma perda parcial da esquematicidade dessa construção, o que a torna *parcialmente esquemática* (ou *parcialmente especificada*), com significado particular de “*Que pode V<sub>passivo</sub>*”.

Demonstramos esse fenômeno por meio da representação esquemática a seguir, nos termos de Traugott e Trousdale (2013):



**Diagrama 1:** Rede construcional de [X-vel]<sub>Adjetivo</sub>



**Fonte:** elaborado pelos autores

No nível do *subesquema*, a construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub> é instanciada por [V-vel]<sub>Adjetivo</sub> e [N-vel]<sub>Adjetivo</sub>. Aqui, temos o elemento X preenchido, o qual corresponde a um verbo ou a um nome, configurando-se como as bases às quais se une o sufixo *-vel* para formar adjetivos: *aceitável*, *tratável*, *lavável* (bases verbais) e *miserável*, *terrível*, *viável* (bases substantivas).

Em um nível de menor esquematicidade estão as *microconstruções*, em que os elementos presentes, além de preenchidos, são específicos. Uma vez que os subesquemas apontam para as classes gramaticais que preenchem os espaços das bases que formam os adjetivos em *-vel*, essas classes podem ser apreendidas com maior especificidade. Os subesquemas [V-vel]<sub>Adjetivo</sub> e [N-vel]<sub>Adjetivo</sub> são instanciados por microconstruções que compreendem tipos diversos de verbos (transitivos diretos e indiretos, intransitivos e ditransitivos) e de nomes (concretos e abstratos).

Correspondendo às instâncias de uso em contextos particulares estão os *construtos*. Segundo Traugott e Trousdale (2013), estes representam *tokens* empiricamente atestados, ou seja, correspondem às manifestações dos usuários de uma língua com propósitos comunicativos singulares. São os adjetivos presentes na fala/escrita nas mais diversas situações de interação verbal, entre eles, adjetivos como *terrível*, *acessível*, *considerável*, *improvável*, *inesquecível*, *durável*, *saudável*, por exemplo.

Com base nesse esquema, algumas construções consideradas inesperadas, como *presenciável*, são formadas. Observemos a amostra (1), abaixo:



- (1) A **presidenciável** do Partido Democrata, Hillary Clinton, anunciou ao primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, que é contra "qualquer intenção das partes externas de impor uma solução ao conflito entre israelenses e palestinos". (Disponível em: <https://br.sputniknews.com>).

Com base no exemplo ilustrado, verificamos que o adjetivo *presidenciável* deriva da base nominal *presidente*, para evidenciar como a fórmula X-vel é modelo para a formação de construções seguindo esse esquema. Esse padrão não apenas permite a formação de adjetivos a partir de bases derivacionais diferentes, como também possibilita que estes possuam semânticas diversificadas. No caso em questão, verificamos uma referência a cargos ou funções, o que se distancia do significado primário de passividade, inserido em uma cena transitiva.

## 2.2 Produtividade da construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub>

A construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub> apresenta certa produtividade de *types* subesquemáticos e, principalmente, microconstrucionais que ela sanciona. No nível subesquemático, essa construção instancia-se por dois subesquemas gerais: um de base verbal e outro de base nominal, conforme se observa no Diagrama 1. Na tabela 2, a seguir, apresentamos os subesquemas relacionados à construção em foco.

**Tabela 2:** Quantidade de *types* subesquemáticos de verbos e de nomes

CONSTRUÇÃO [X-vel] <sub>Adjetivo</sub>		
Subesquema [V-vel]	Subesquema [N-vel]	Total (%)
29 (74,36)	10 (25,64)	39 <sup>4</sup> (100)

**Fonte:** elaborada pelos autores

Conforme podemos observar nos dados da Tabela 2, o subesquema de base verbal apresenta maior número de adjetivos relacionados a ele: 29, o que equivale a 74,36% das ocorrências. Esse resultado parece confirmar a hipótese de que,

<sup>4</sup> Esse total difere do apresentado na tabela 1 em razão de nela termos levado em consideração apenas as bases lexicais realmente distintas. Assim, casos como *agradável/desagradável*, *móvel/imóvel*, por exemplo, foram contados como sendo um só, respectivamente, cujos pares diferem apenas pelo prefixo.

possivelmente, seriam encontrados mais adjetivos no corpus derivados de bases verbais, posto que o sufixo dessa categoria de adjetivo remete, em termos prototípicos, a um evento verbal transitivo.

Na tabela 3, a seguir, apresentamos as microconstruções sancionadas pelos subesquemas de bases verbal e nominal, respectivamente.

**Tabela 3:** Quantidade de *types* microconstrucionais de verbos e de nomes

Subesquema [V-vel]						Subesquema [N-vel]			Total (%)
Microconstruções						Microconstruções			
VTDir1	VTDir2	VTInd	VTDit	VInt <sup>5</sup>	Total (%)	NAbs	NCon	Total (%)	
3 (7,7)	19 (48,71)	5 (12,82)	2 (5,13)	-	29 (74,36)	8 (20,51)	2 (5,13)	10 (25,64)	39 (100)

Fonte: elaborada pelos autores.

Diante desses resultados exibidos na Tabela 3, podemos constatar que o subesquema de base verbal sanciona um número maior de microconstruções (5) em relação ao de base nominal (2). A produtividade de *types* microconstrucionais se deve à diversidade de bases verbais – de diferentes naipes transitivos – incorporadas ao subesquema que licencia essas bases. Além disso, há verbos transitivos diretos de dois tipos: os que remetem a eventos em que há afetamento dos objetos e outros em que não há esse afetamento. Portanto, a produtividade da construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub> se confirma no fato de esta ter sancionado uma certa variedade de bases lexicais (verbais e nominais) que foram agregadas a essa construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Observando as microconstruções que instanciam a construção em estudo, verificamos que houve *expansão da classe hospedeira*, nos termos de Himmelmann (2004), a qual se caracteriza como um fator relevante para o aumento da produtividade. Assim, além da base verbal transitiva (dois *types*: um relacionado ao afetamento do objeto e outro de objeto não afetado), foram incorporadas bases

<sup>5</sup> Embora não tenha sido encontrada nenhuma ocorrência do adjetivo em *-vel* de base verbal intransitiva no Corpus D&G, esse *type* microconstrucional foi incluído na tabela, uma vez que foram encontradas amostras desse *type* em outros dados coletadas para a pesquisa, entre elas, *durável*, *falível*, por exemplo.

verbais transitivas indiretas e ditransitivas e bases substantivas à construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub>. A classe de hospedeiros também está relacionada à semântica da construção, visto que ao significado de passividade – “*que pode V<sub>passivo</sub>*” – uniu-se o de causatividade e, mais raramente, o de “agentividade” – “*que causa/promove N*”.

Observemos as amostras abaixo, que demonstram a produtividade dessa construção, uma vez que licencia diferentes bases de verbos com transitividade diversificada e de nomes.

Na estrutura oracional transitiva direta, há a presença de verbos cuja moldura semântica exige dois argumentos obrigatórios (ou nucleares): um externo (sujeito) e um interno (objeto direto), que atuam, respectivamente, como agente e paciente.

- (2) ... aí a água vai subir ... essa água ... é água ... é água ... não ... não é **tratável** essa água ... pode ser a mesma água que você recolhe de lá ... (...) vai água que você jogou também ... mas ... só que essa água ... essa água ... ela não vai na mesma tubulação que a água **tratável** ... vai pra outro lugar ... pode ir até pra uma lagoa diferente ... pode voltar até o manancial por exemplo ... (Corpus D&G, Fala, p. 91).

Quando o adjetivo é derivado de um verbo transitivo direto, como *tratar*, o termo a ele vinculado (*água*) representa o que na oração codificadora dessa transitividade equivale ao argumento interno (objeto direto), que passa a atuar como se fosse o argumento externo (sujeito), ou seja, *X trata Y*, em que Y seria ocupado pelo SN *água*. No processo de apassivação, esse referente passa a atuar como “argumento externo” (sujeito): *água que pode ser tratada*.

Na amostra (3), abaixo, temos um exemplo de adjetivo em *-vel* formado a partir de um verbo transitivo indireto. Em relação aos adjetivos derivados de verbos transitivos indiretos, temos a mesma configuração argumental: um argumento interno e outro externo. A diferença entre esses adjetivos e os derivados de base verbal transitiva direta está na presença da preposição “exigida” pelo verbo; o complemento relativo atua de maneira semelhante ao objeto direto.

- (3) A respeito da situação política do País, acho que as pessoas estão se conscientizando de que cada um, é, de algum modo, **responsável** pela “vida” do País (Corpus D&G, Rio de Janeiro, Escrita, p. 77).

Os verbos intransitivos enquadrados como formadores de adjetivos em *-vel* em estudos recentes rompem com a ideia de que apenas verbos transitivos diretos

formam esse tipo de adjetivos. Em relação à sua estrutura argumental, os intransitivos apresentam apenas um participante do evento verbal: uma espécie de experienciador que funciona como argumento externo (sujeito).

- (4) "O Quarteto [Estados Unidos, União Europeia, Rússia e Organização das Nações Unidas] reitera que uma solução negociada de dois Estados é a única maneira de alcançar uma paz **durável** que satisfaça as necessidades de Israel em termos de segurança e as aspirações dos palestinos de um Estado independente e soberano", agrega o relatório. (Disponível em: <http://jornalfloripa.com.br>).

O adjetivo dessa amostra (*durável*) provém de uma estrutura argumental que descreve um evento intransitivo: *X dura*<sup>6</sup>. Assim, o referente com o qual esse adjetivo se relaciona representa o que seria o argumento externo (sujeito), não agentivo, na oração codificadora desse evento.

As construções ditransitivas, que conceitualizam eventos em que há uma transferência feita de um objeto paciente (objeto direto) por um agente animado (sujeito) para um beneficiário (objeto indireto), também aparecem na formação de adjetivos em *-vel*. Os verbos representativos encontrados nesta pesquisa foram: *transferir*, *preferir* e *render*.

O verbo *transferir* já aponta em sua semântica a conceitualização de um evento em que *X transfere Y a Z*, representando um exemplar típico de construção ditransitiva. Vejamos a amostra (5), abaixo:

- (5) **Cientistas encontram bactéria que não pode ser combatida com antibiótico**

[...] Ainda mais preocupante, de acordo com o pesquisador [Nilton Lincopan], foi a descoberta de que o gene é facilmente **transferível** de uma espécie bacteriana a outra por meio de plasmídeos, fragmentos de DNA extracromossômicos que podem se replicar autonomamente [...] (Disponível em: <http://www.correiodoestado.com.br>).

No excerto textual acima, encontramos um evento em que seus participantes não são configurados como humanos, com intencionalidade, porém, cognitivamente, conceitualizamos uma transferência de um paciente por um agente para um

---

<sup>6</sup> Esse verbo pode também, em algumas situações, representar uma estrutura semelhante à que descreve um evento transitivo direto: *X dura Y*, em que o argumento Y (tema) conceitualiza o tempo/período de duração.

beneficiário. Apesar de não humano, o terceiro argumento corresponde a um participante que recebeu, de fato, a transferência.

No que concerne a adjetivos em *-vel* formados a partir de bases nominais (concretas e abstratas), tomemos como ilustração as seguintes amostras:

- (6) ... eu acho que a nossa geração é muito sa... muito sadia... muito **saudável**... né? de ter... se libertado desse tipo de coisa... imagina que horrível se... né? ainda fosse... né? entre a gente rolasse esse tipo de preconceito... (*Corpus D&G*, Juiz de Fora, Fala, p. 27).
- (7) ... eu acho que tem... que tem se montar uma firma de tradução... uma coisa assim... né? pra dar dinheiro... mas inglês e francês o que não falta... é tradutor... né? se ainda fosse uma língua mais exótica... ou russo... ou alemão... entendeu? eu acho que a tradução poderia até ser um:: caminho **viável**... mas... o magistério... quer dizer... é a opção da imensa maioria do curso... (*Corpus D&G*, Juiz de Fora, Fala, p. 13).

A primeira amostra apresenta um caso de derivação a partir de uma base nominal abstrata (*saúde*), resultando no adjetivo *saudável*. A segunda exibe um caso de derivação a partir de uma base de acepção “concreta” (*via*), originando o adjetivo *viável*.

### 2.3 Composicionalidade da construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub>

Segundo Traugott e Trousdale (2013), quando o usuário de uma língua pode estabelecer *links* entre a forma e o significado de um construto com o significado ou a forma de subesquemas existentes na rede, mesmo que essa relação não seja “perfeita”, ocorre o *mismatch*. É o que acontece quando o falante/escrevente da língua portuguesa copia o modelo formal da construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub> sem copiar a sua semântica de passividade para a formação de novos adjetivos. Nesse caso, a analogia teve papel fundamental na formação de novos construtos na rede, uma vez que também permitiu a formação de adjetivos dessa natureza a partir de bases substantivas.

Um exemplo da construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub> em que se mantém certa composicionalidade, pelo fato de configurar-se como prototípico, pode ser observado na amostra que segue:

- (8) **Idosos têm direito a receber fralda descartável gratuitamente**

Quem tem idosos na família com complicações de saúde sabe como as fraldas **descartáveis** para adulto são itens indispensáveis no dia a dia do paciente, assim como os remédios. [...] (Disponível em: <https://www.portalvенеza.com.br>).

Esse excerto textual apresenta o adjetivo *descartável*, derivado do verbo *descartar*, que conceitualiza uma cena em que um sujeito agente age/transfere uma ação sobre/para um objeto paciente (*fraldas*), havendo, dessa forma, uma cena transitiva prototípica, cuja estrutura argumental representa  $X_{\text{agente}} V_{\text{ação}} Y_{\text{paciente}}$ .

Diferentemente do exemplo ilustrado acima, encontramos casos em que a construção em foco não pode ser traduzida com a mesma configuração semântica dos casos prototípicos. Vejamos a amostra (9) que segue:

- (9) E: Paula... agora eu quero que você descreva o lugar onde você mais gosta de ficar...  
I: eu gosto de ficar no meu quarto... que... assim... é super **confortá::vel**... eh... tem telefone... eu telefono para as minhas colegas de lá... fico no quarto vendo televisão... eu acho super **confortável**... é o lugar da casa que eu mais gosto de ficar... (*Corpus D&G*, Rio de Janeiro, Fala, p. 21).

O adjetivo *confortável* é um caso formado a partir de substantivo (*conforto*) e não propriamente de verbo (*confortar*). Essa interpretação é possível, uma vez que *confortável* não deriva diretamente da estrutura transitiva  $X \text{ conforta } Y$  (posto que esse verbo tem acepção mais afetiva, remetendo a um estado emocional). Na amostra, *conforto* refere-se a sensação física. Em sendo assim, parece mais plausível pensar numa estrutura semântica como  $X \text{ causa/possibilita } \text{conforto a } Y$ , em que configura transitividade envolvida na formação desse adjetivo, porém não na forma prototípica, pois não há garantia do afetamento do objeto (*beneficiário do causativo fonte*).

Essa análise está diretamente relacionada à não composicionalidade dessa construção, visto que não permite recuperar o significado do todo através do significado de suas partes. Ao observarmos a formação da rede dos adjetivos formados pelo sufixo *-vel*, constatamos que a ideia de passividade não se manteve em alguns adjetivos. Esse sufixo foi perdendo sua transparência semântica – fator parcialmente responsável pelo aumento da classe hospedeira – e, por isso, há um descompasso entre forma e função na rede construcional. A frequência de uso dessa construção pode ser um fator relevante para a perda de sua

composicionalidade. À medida que novos usos emergiram, novos significados também surgiram.

### Considerações finais

Neste artigo, focalizamos a construção [X-vel]<sub>Adjetivo</sub>, mais especificamente no que se refere às suas propriedades *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*. Em relação à esquematicidade, vimos que essa propriedade vincula-se ao fato de a construção demonstrar a formação regular de adjetivos em -vel a partir de uma base lexical (verbo ou nome). Quanto à produtividade, esta tem a ver com a possibilidade de a construção, além de licenciar a formação prototípica de adjetivos com base em verbos transitivos diretos, também poder sancionar a formação de adjetivos derivados de verbos de natureza transitiva diversa e, de modo mais incomum, até de adjetivos oriundos de substantivos. No que se refere à composicionalidade, essa construção pode se revelar mais “composicional”, no sentido de que se pode, em termos prototípicos, interpretar o esquema X-vel associando-se “X” à base lexical de um verbo transitivo direto no particípio passado e o sufixo -vel à noção “possível/passível de ser”. Essa “combinação”, entretanto, não é possível com bases nominais. Por fim, cabe assinalar que, em razão de bases verbais não transitivas diretas e bases nominais serem mais resistentes à formação de adjetivos em -vel e de nem sempre haver correspondência semântica entre o esquema X-vel e a ideia de passivização, produtividade e composicionalidade devem ser tomadas, nesse caso, como propriedades gradientes.

### Referências

BOOIJ, Geert. Construction morphology. *Language and linguistics compass*, v. 4, n. 7, p. 543-555, 2010.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. *Language*, p. 501-538, 1988.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*, 1998.



GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions: a new theoretical approach to language. Trends in cognitive sciences*, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003.

\_\_\_\_\_. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press on Demand, 2006.

HIMMELMANN, Nikolaus P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal. In: BISANG, Walter; HIMMELMANN, Nikolaus P.; WIEMER, Björn (Ed.). *What makes grammaticalization?: A look from its fringes and its components*. Berlin: Walter de Gruyter, 2004, p. 21-42.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar.: Theoretical prerequisites*. Vol 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. Cognitive Grammar. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford Handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 421-426.

KEMMER, Suzanne. Schemas and lexical blends. *Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science series 4*, p. 69-98, 2003.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de.; VOTRE, Sebastião Josué. *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Juiz de Fora*, 1995.

\_\_\_\_\_. *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Niterói*, 1995.

\_\_\_\_\_. *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro*, 1995.

\_\_\_\_\_. *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Rio Grande*, 1996.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WERNING, Markus; HINZEN, Wolfram; MACHERY, Edouard. *The Oxford handbook of compositionality*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

*Recebido em 16/10/2016*

*Aceito em 01/11/2016*

*Publicado em 19/12/2016*